

TRABALHADORES, UNI-VOS!
antologia política da I Internacional



—> Vom vierten internationalen Arbeiter-Kongress in Basel im Jahre 1869 <—

1. Carl Vogt, Basel, Schweiz.	2. Hermann, Bern.	3. Robert Muntz, Wiesbaden, Preuss.	4. Otto Gumbel, Bern, Schweiz.	5. Michel Schulin, Bern, Schweiz.	6. Carl Vogt, Basel, Schweiz.	7. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	8. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	9. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	10. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	11. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	12. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	13. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	14. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	15. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	16. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	17. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	18. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	19. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	20. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	21. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	22. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	23. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	24. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	25. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	26. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	27. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	28. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	29. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	30. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	31. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	32. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	33. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	34. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	35. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	36. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	37. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	38. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	39. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	40. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	41. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	42. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	43. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	44. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	45. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	46. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	47. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	48. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	49. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.	50. Louis Gumbel, Bern, Schweiz.
-------------------------------	-------------------	-------------------------------------	--------------------------------	-----------------------------------	-------------------------------	---------------------------------	---------------------------------	---------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------	----------------------------------

Delegados do Congresso da Basileia, 1869.

Marcello Musto (org.)

TRABALHADORES, UNI-VOS!

antologia política da I Internacional

Tradução
Rubens Enderle

Boitempo Editorial

Coordenação editorial

Ivana Jinkings

Edição

Bibiana Leme e Isabella Marcatti

Assistência editorial

Thaís Burani

Produção

Livia Campos

Tradução

Rubens Enderle

Preparação

Luciana Lima

Capa

David Amiel

Sobre ilustração de autor desconhecido
publicada na *Voix du Peuple* em 1906.

Diagramação

Antonio Kehl

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP Brasil

Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.wordpress.com

www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/imprensaboitempo

Fundação Perseu Abramo

Presidente

Marcio Pochmann

Vice-presidenta

Iole Iliada

Diretoras/Diretores

Fátima Cleide, Luciana Mandelli,

Kjeld Jakobsen e Joaquim Soriano

Editora Fundação Perseu Abramo

Coordenação editorial

Rogério Chaves

Assistente editorial

Raquel Maria da Costa

EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Fundação instituída pelo Diretório Nacional do
Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Rua Francisco Cruz, 234

04117-091 São Paulo SP Brasil

Tel.: (11) 5571-4299

Fax: (11) 5571-0910

editora@fpabramo.org.br

www.efpa.com.br

www.facebook.com/fundacao.perseuabramo

twitter.com/fpabramo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A868

Trabalhadores, uni-vos! : antologia política da I Internacional / organização

Marcello Musto ; tradução Rubens Enderle. - 1. ed. - São Paulo :

Boitempo, 2014.

il.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-7559-406-3 (Boitempo)

ISBN 978-85-7643-236-4 (EFPA)

1. Marx, Karl, 1818-1883. 2. Internacional. 3. Socialismo. I. Musto, Marcello.

14-15442

CDD: 335.4

CDU: 330.85

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: outubro de 2014

Sumário

Prólogo.....	13
Introdução	19
Apêndice	86
A Associação Internacional dos Trabalhadores: mensagens, resoluções, intervenções, documentos	89
A mensagem inaugural	91
1 Mensagem inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, <i>Karl Marx</i>	93
O programa político.....	101
2 [Resoluções do Congresso de Genebra (1866)], <i>Karl Marx</i>	103
3 [Resoluções do Congresso de Bruxelas (1868)], <i>Vários autores</i>	109
Trabalho.....	113
4 [Investigação sobre a situação das classes trabalhadoras], <i>Karl Marx</i>	115
5 [Sobre a maquinaria e seus efeitos], <i>François Dupleix, Ferdinand Quinet, Jean Marly, Adrien Schettel e Jean Henri de Beaumont</i>	118
6 [Sobre a emancipação e a independência feminina], <i>P. Eslens, Eugène Hins e Paul Robin</i>	120
7 [A influência da maquinaria nas mãos dos capitalistas], <i>Karl Marx</i>	122
8 [Os efeitos da maquinaria sobre o salário e a situação dos trabalhadores], <i>Eugène Steens</i>	124
9 [O efeito da maquinaria sobre a situação dos trabalhadores], <i>Pierre Fluse</i>	129

10	[Pela redução das horas de trabalho], <i>Eugène Tartaret</i>	132
11	[Sobre a igualdade das mulheres trabalhadoras e a inclusão de opiniões políticas diferentes], <i>V. Tinayre</i>	135
Sindicatos e greves		137
12	[A necessidade e os limites da luta sindical], <i>Karl Marx</i>	139
13	[Contra a violação da greve], <i>Karl Marx</i>	142
14	[Interferência em lutas sindicais], <i>Vários autores</i>	144
15	[Greves, sindicatos e a filiação de sindicatos à Internacional], <i>César de Paepe</i>	146
16	O massacre belga, <i>Karl Marx</i>	150
17	[Resolução sobre os fundos de resistência], <i>Jean-Louis Pindy</i>	152
18	[Sociedades de resistência como a organização do futuro], <i>Eugène Hins</i> ...	155
19	[Sobre as sociedades de resistência], <i>Robert Applegarth</i>	156
20	[Sobre os fundos de resistência], <i>Adhémar Schwitzguébel</i>	158
21	[Promovendo a solidariedade aos grevistas], <i>Alfred Herman</i>	161
22	[Organização sindical internacional], <i>Johann Philipp Becker</i>	163
Movimento e crédito cooperativo		165
23	[O crédito e a emancipação da classe trabalhadora], <i>César de Paepe</i>	167
24	[Sobre o movimento cooperativo], <i>Ludwig Büchner, César de Paepe,</i> <i>André Murat, Louis Müller e R. L. Garbe</i>	168
25	[Quarto Estado e produção moderna], <i>Johann Georg Eccarius e</i> <i>Henri-Louis Tolain</i>	172
26	[A questão do crédito cooperativo entre os trabalhadores], <i>Vários autores</i>	174
27	[Cooperativa e emancipação dos trabalhadores], <i>Aimé Grinand</i>	175
28	[Associações cooperativas como modelo da sociedade futura], <i>Eugène Hins</i>	177
Sobre a herança		179
29	[Sobre a herança], <i>Karl Marx</i>	181
30	[Sobre a abolição da herança], <i>Mikhail Bakunin</i>	183
31	[Sobre o direito de herança], <i>Karl Marx</i>	185
A propriedade coletiva e o Estado		189
32	[Definição e papel do Estado], <i>Jean Vasseur</i>	191
33	[Sobre a coletivização da terra], <i>César de Paepe</i>	192
34	[Sobre a propriedade fundiária], <i>Karl Marx</i>	197
35	[Sobre a questão da propriedade fundiária], <i>Mikhail Bakunin</i>	198

36 [Sobre a reorganização da propriedade fundiária], <i>César de Paepe</i>	200
37 [Sobre a capacidade dos trabalhadores de administrar a sociedade], <i>Emile Aubry</i>	202
38 [Crítica da política de Bakunin], <i>Karl Marx, Friedrich Engels e Paul Lafargue</i>	204
39 [Sobre a organização dos serviços públicos na sociedade futura], <i>César de Paepe</i>	209
40 [Sobre a abolição do Estado], <i>James Guillaume</i>	214
41 [Sobre o Estado popular (<i>Volksstaat</i>)], <i>César de Paepe</i>	216
42 [Sobre a propriedade coletiva], <i>Vários autores</i>	221
Educação	223
43 [Sobre a educação livre], <i>Os encadernadores de Paris</i>	225
44 [Sobre a educação na sociedade moderna], <i>Karl Marx</i>	229
45 [Sobre a educação estatal], <i>César de Paepe</i>	231
A Comuna de Paris	233
46 [Sobre a Comuna de Paris], <i>Karl Marx</i>	235
Internacionalismo e oposição à guerra	249
47 [Solidariedade internacional], <i>Vários autores</i>	251
48 [Sobre a necessidade de uma organização internacional], <i>Eugène Dupont, Johann Georg Eccarius, Peter Fox, Hermann Jung e Karl Marx</i>	252
49 [Sobre as verdadeiras causas da guerra], <i>César de Paepe</i>	253
50 [Greve contra a guerra], <i>César de Paepe</i>	254
51 [Contra a guerra], <i>Henri-Louis Tolain</i>	256
52 [As causas reais da guerra], <i>Hafner</i>	258
53 [Inglaterra, metrópole do capital], <i>Karl Marx</i>	260
54 [Primeira mensagem do Conselho Geral sobre a Guerra Franco-Prussiana], <i>Karl Marx</i>	261
55 [Segunda mensagem do Conselho Geral sobre a Guerra Franco-Prussiana], <i>Karl Marx</i>	265
56 [A novidade da Internacional], <i>Karl Marx</i>	267
57 [Sobre a importância da Internacional], <i>Karl Marx</i>	269
A questão irlandesa	271
58 [Sobre a questão feniana], <i>Eugène Dupont</i>	273
59 [A Irlanda e a classe trabalhadora inglesa], <i>Karl Marx</i>	275
60 [As relações entre as seções irlandesas e o Conselho Federal Britânico], <i>Friedrich Engels</i>	277

Sobre os Estados Unidos	279
61 A Abraham Lincoln, presidente dos Estados Unidos da América, <i>Karl Marx</i>	281
62 Mensagem da Associação Internacional dos Trabalhadores ao presidente Johnson, <i>Karl Marx</i>	283
63 Mensagem à União Nacional do Trabalho dos Estados Unidos, <i>Karl Marx</i> ...	285
64 [Eliminar o nacionalismo das mentes dos trabalhadores], <i>Johann Georg Eccarius</i>	287
Organização política	289
65 Normas gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores, <i>Karl Marx e Friedrich Engels</i>	291
66 Aos trabalhadores da Grã-Bretanha e da Irlanda, <i>Johann Georg Eccarius</i> , <i>Karl Kaub, George Odger, George Wheeler e William Worley</i>	295
67 [Sobre a privação das liberdades políticas], <i>Charles Perron, Pioley</i> , <i>Reymond, Vézinaud e Sameul Treboux</i>	297
68 [Contra as sociedades secretas], <i>Karl Marx</i>	299
69 [Sobre a importância da luta política], <i>Friedrich Engels</i>	300
70 [Sobre a política da classe trabalhadora], <i>Édouard Vaillant</i>	302
71 [Sobre a ação política da classe trabalhadora], <i>Karl Marx</i>	304
72 [Sobre a questão do abstencionismo], <i>Karl Marx</i>	306
73 [Sobre a ação política da classe trabalhadora], <i>Friedrich Engels</i>	307
74 [Sobre a ação política da classe trabalhadora e outros assuntos], <i>Karl Marx e Friedrich Engels</i>	309
75 [Contra o sectarismo], <i>Karl Marx e Friedrich Engels</i>	312
76 [A política anarquista], <i>James Guillaume</i>	315
77 [Sobre a importância de uma organização central da classe trabalhadora], <i>Seção parisiense</i>	316
78 [A destruição do poder político], <i>Mikhail Bakunin e James Guillaume</i>	318
79 [A luta contra a sociedade burguesa], <i>Friedrich Adolph Sorge</i>	321
80 [Passando o bastão], <i>Friedrich Adolph Sorge e Carl Speyer</i>	323
O hino da Internacional	325
Bibliografia	327
Índice onomástico	331
Sobre o organizador	335

A mensagem inaugural

ADDRESS
AND
PROVISIONAL RULES
OF THE
WORKING MEN'S
INTERNATIONAL ASSOCIATION,

ESTABLISHED SEPTEMBER 28, 1864,

AT A PUBLIC MEETING HELD AT ST. MARTIN'S
HALL, LONG ACRE, LONDON.

PRICE ONE PENNY.

PRINTED AT THE "BEE-HIVE" NEWSPAPER OFFICE,
10, BOLT COURT, FLEET STREET.

1864.

1

Mensagem inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores¹

Karl Marx

Trabalhadores:

É um fato notável que a miséria das massas trabalhadoras não tenha diminuído de 1848 a 1864, não obstante ter sido este um período sem igual para o desenvolvimento da indústria e o crescimento do comércio. Em 1850, um órgão moderado da classe média britânica, de informação superior à média, previa que as exportações e importações do país aumentariam 50% e que a miséria inglesa cairia a zero. Pois vejam! Em 7 de abril de 1864, o ministro das Finanças britânico [*Chancellor of the Exchequer*] deleitava sua audiência parlamentar com a declaração de que em 1863 a importação e exportação total da Inglaterra havia aumentado “a 443.955.000 libras esterlinas! Uma soma impressionante, cerca do triplo do comércio do ano relativamente recente de 1843!” Mas, apesar de tudo isso, o tema predominante em seu discurso foi a “pobreza”.

“Pensai”, exclamou, “nos que se encontram à margem dessa região”, nos “salários... que não aumentaram”; na “vida humana... que em 90% dos casos se resume a uma luta pela existência!” [...]

¹ Escrito entre 21 e 27 de outubro de 1864, o texto foi aprovado pelo Conselho Geral em sua sessão de 1º de novembro e publicado três dias depois, no hebdomadário londrino *The Bee-Hive*. Mais tarde, no mesmo mês, foi republicado, juntamente com os estatutos da organização, numa brochura intitulada *Address and Provisional Rules of the Working Men's International Association* [Mensagem e Normas Provisórias da Associação Internacional dos Trabalhadores]. Karl Marx (1818-1883) era o cérebro da AIT. Ele escreveu todas as suas principais resoluções, integrou o Conselho Geral desde sua fundação até 1872 e participou nas duas conferências de Londres (1865 e 1871) e no Congresso de Haia (1872). O texto completo pode ser encontrado em GC, I, p. 277-87.

Quando, em consequência da Guerra Civil Americana, os operários de Lancashire e Cheshire foram postos na rua, a [...] Câmara dos Lordes enviou aos distritos fabris um médico encarregado de investigar qual a quantidade mínima de carbono e nitrogênio que deveria ser adicionada à dieta dos trabalhadores, da maneira mais econômica e simples, de modo a “evitar doenças de desnutrição”. O dr. Smith, o médico encarregado, assegurou que 28 mil moléculas de carbono e 1.330 moléculas de nitrogênio eram a quantidade semanal necessária para manter um adulto médio... bem pouco acima do nível de doenças de desnutrição; além disso, concluiu que essa quantidade era muito próxima à escassa nutrição a que os operários algodoeiros haviam sido reduzidos sob condições extremamente aflitivas². Mas ora vejam! Mais tarde, o mesmo estudado doutor recebeu do Privy Council a incumbência de investigar a nutrição das classes trabalhadoras mais pobres. Os resultados de sua investigação estão reunidos no *Sixth Report on Public Health* [Sexto Relatório sobre Saúde Pública], publicado por ordem do Parlamento no curso deste ano. O que o doutor descobriu? Que os tecelões de seda, as costureiras, os luveiros, os tecelões de meias etc. sequer recebiam, em média, a ração miserável dos operários algodoeiros, nem mesmo a quantidade de carbono e nitrogênio “apenas suficiente para prevenir as doenças de desnutrição”. [...]

“Não podemos esquecer”, acrescenta o relatório oficial, “que a privação de alimento é suportada apenas com muita relutância, e que, em geral, uma dieta muito pobre só advém quando outras privações a precederam... Nessa situação, até mesmo a higiene será considerada cara ou difícil, e se a pessoa, movida por respeito próprio, fizer algum esforço para mantê-la, todo esforço desse tipo representará um aumento na privação de alimento. Essas são reflexões dolorosas, especialmente quando lembramos que a pobreza a que se referem não é a pobreza merecida da ociosidade, mas sim, em todos os casos, a pobreza de populações trabalhadoras. De fato, o trabalho recompensado por uma escassa ração de alimento é, em sua maior parte, excessivamente prolongado”. [...]

Tais são as declarações oficiais publicadas por ordem do Parlamento em 1864, durante o milênio do livre-comércio, num tempo em que o ministro das Finanças havia dito à Câmara dos Comuns que: “a condição média do trabalhador britânico

² Nem é preciso lembrar o leitor que, além dos elementos da água e certas substâncias inorgânicas, o carbono e o nitrogênio formam as matérias-primas da alimentação humana. No entanto, para nutrir o sistema humano, esses simples elementos químicos precisam ser fornecidos na forma de substâncias vegetais ou animais. Batatas, por exemplo, contêm principalmente carbono, ao passo que o pão de trigo contém carbono e nitrogênio numa dada proporção. [Nota de Karl Marx]

tem melhorado num grau que sabemos ser extraordinário e inédito na história de qualquer país ou época”.

A essas congratulações oficiais responde a seca observação do *Public Health Report*: “A saúde pública de um país significa a saúde de suas massas, e as massas dificilmente serão saudáveis enquanto não forem ao menos moderadamente prósperas”.

Deslumbrados com as estatísticas do “progresso da nação” a dançar diante de seus olhos, o ministro das Finanças exclama, em êxtase selvagem: “De 1842 a 1852, a receita tributável do país cresceu 6%; nos oito anos, de 1853 a 1861, ela cresceu 20% em relação à base tomada em 1853! O fato é tão impressionante que chega a ser quase inacreditável! Esse aumento inebriante de riqueza e poder”, acrescenta o sr. Gladstone, “está inteiramente confinado às classes proprietárias”.

Se vocês quiserem saber sob quais condições de saúde precária, corrupção moral e ruína mental esse “aumento inebriante de riqueza e poder... inteiramente confinado às classes proprietárias” era e continua a ser produzido pelas classes trabalhadoras, vejam as descrições que o último *Public Health Report* apresenta das oficinas de alfaiates, impressores e costureiras! [...] Abram o censo de 1861, e vejam que o número de proprietários de terra masculinos na Inglaterra e no País de Gales diminuiu de 16.934 em 1851 para 15.066 em 1861, de tal modo que a concentração das terras aumentou 11% em 10 anos. Se a concentração do solo do país em poucas mãos prosseguir na mesma taxa atual, a questão agrária ficará singularmente simplificada, como ocorreu no Império Romano, quando Nero sorriu com a descoberta de que metade da Província da África era possuída por seis senhores.

Se aqui nos demoramos tanto nesses fatos “tão impressionantes que chegam a ser quase inacreditáveis!” é porque a Inglaterra lidera a Europa do comércio e da indústria. Lembremo-nos de que há alguns meses atrás um dos filhos refugiados de Luís Filipe felicitou publicamente o trabalhador agrícola inglês pela superioridade de sua sorte em comparação com seu colega menos viçoso do outro lado do Canal. Na verdade, alterando-se as cores locais – e numa escala um pouco reduzida – os fatos ingleses se reproduzem em todos os países industriais e progressivos do continente europeu. Em todos eles ocorreu, desde 1848, um desenvolvimento inédito da indústria e uma expansão extraordinária das importações e exportações. Em todos eles, tal como na Inglaterra, uma parcela mínima das classes trabalhadoras obteve algum aumento real em seus salários líquidos, embora na maior parte dos casos o aumento monetário dos salários não tenha significado qualquer incremento

real no bem-estar material, assim como o ocupante dos asilos ou orfanatos metropolitanos, por exemplo, não foi de modo algum beneficiado ao pagar por seus bens de primeira necessidade 9 libras, 15 xelins e 8 *pence* em 1861, em vez de 7 libras, 7 xelins e 4 *pence* em 1852. Por toda a parte, a grande massa das classes trabalhadoras teve seu nível rebaixado, no mínimo na mesma taxa em que as classes acima delas subiram na escala social. Em todos os países da Europa, tornou-se agora uma verdade – demonstrável a qualquer mente sem preconceitos e só desacreditada por aqueles cujo interesse é manter os outros confinados num paraíso dos tolos – que nenhum aperfeiçoamento da maquinaria, nenhuma aplicação da ciência à produção, nenhum avanço da comunicação, nem novas colônias, emigração, abertura de mercados, livre-comércio, nem todas essas coisas juntas acabarão com as misérias das massas industriais; mas que, com base na presente base falsa, todo novo desenvolvimento das forças produtivas do trabalho tende necessariamente a aprofundar os contrastes sociais e a aguçar os antagonismos. Durante essa época inebriante de progresso econômico, na metrópole do Império Britânico a morte por inanição cresceu quase ao ponto de tornar-se uma instituição. Tal época está marcada nos anais do mundo pelo retorno acelerado, a amplitude crescente e os efeitos cada vez mais mortais dessa peste social chamada crise comercial e industrial.

Após o fracasso das Revoluções de 1848, todas as organizações e os jornais partidários das classes trabalhadoras no continente europeu foram esmagados pela mão de ferro da força, os filhos mais avançados do trabalho fugiram em desespero para a república transatlântica, e os sonhos efêmeros de emancipação desvaneceram-se diante de uma época de febre industrial, marasmo moral e reação política. [...] As descobertas de novas terras dotadas de reservas de ouro levaram a um êxodo imenso, deixando um vazio irreparável nas fileiras do proletariado britânico. Outros de seus membros, anteriormente ativos, foram fígados pelo suborno temporário de trabalho e salário melhores, convertendo-se em “fura-greves políticos” [*political blacks*]. Todos os esforços feitos para conservar ou remodelar o movimento cartista fracassaram fragorosamente; os órgãos de imprensa das classes trabalhadoras morreram um após o outro em decorrência da apatia das massas, e, de fato, nunca antes a classe trabalhadora inglesa pareceu tão absolutamente reduzida a um estado de nulidade política. Se, pois, não houve qualquer solidariedade de ação entre as classes trabalhadoras britânicas e continentais, houve, em todo o caso, uma solidariedade de derrota.

E, no entanto, as Revoluções de 1848 não deixaram de apresentar seus aspectos compensadores. Destacaremos aqui apenas dois fatores importantes.

Após uma luta de trinta anos, travada com a mais admirável perseverança, as classes trabalhadoras inglesas, aproveitando-se de uma cisão momentânea entre os senhores da terra e os senhores do dinheiro, conseguiram aprovar a Lei das Dez Horas. Os imensos benefícios físicos, morais e intelectuais que isso trouxe aos operários fabris – benefícios registrados nos relatórios semestrais dos inspetores de fábricas – são agora do conhecimento de todos. A maioria dos governos continentais teve de aceitar a Lei Fabril [*Factory Act*] inglesa em formas mais ou menos modificadas, e a cada ano o próprio Parlamento inglês é forçado a alargar sua esfera de ação. Mas, além de sua importância prática, havia outra razão para exaltar o esplêndido sucesso dessa medida favorável aos trabalhadores. Por meio de seus mais notórios órgãos de ciência, tais como o dr. Ure, o professor Senior e outros sábios da mesma estirpe, a classe média havia predito – e, para seu regozijo, provado – que qualquer restrição das horas de trabalho significaria necessariamente a morte da indústria britânica, que, como um vampiro, não pode viver senão a sugar o sangue humano, e também o de crianças. Antigamente, o assassinato de crianças era um misterioso rito da religião de Moloch, mas só era praticado em algumas ocasiões muito solenes, talvez uma vez ao ano, e, ainda assim, Moloch não tinha qualquer preferência exclusiva pelos filhos dos pobres. Essa luta pela restrição legal das horas de trabalho tornou-se mais feroz na medida em que, além de uma amedrontada avareza, ela revelava, na verdade, a grande luta entre o domínio cego das leis da oferta e da demanda – que formam a economia política da classe média – e a produção social controlada por previsão social [*social foresight*] – que forma a economia política da classe trabalhadora. Assim, a Lei das Dez Horas foi não só um grande sucesso prático, mas a vitória de um princípio; foi a primeira vez em que, em plena luz do dia, a economia política da classe média sucumbiu à economia política da classe trabalhadora.

Porém, estava por vir uma vitória ainda maior da economia política do trabalho sobre a economia política da propriedade. Referimo-nos ao movimento cooperativista, especialmente às fábricas cooperativas erguidas pelos esforços solitários de umas poucas “mãos” audazes. O valor desses grandes experimentos sociais não pode ser desprezado. Mostraram com atos, em vez de argumentos, que a produção em grande escala e em conformidade com as exigências da ciência moderna pode ser realizada sem a existência de uma classe de patrões a empregar uma classe de mão de obra; que, para dar frutos, os meios de trabalho não precisam ser monopolizados como um meio de dominação e de espoliação do operário; e que, tal como o trabalho escravo ou o trabalho servil, o trabalho contratado não é

senão uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado, que executa sua tarefa com uma mão laboriosa, uma mente disposta e um coração alegre. Na Inglaterra, os germes do sistema cooperativo foram semeados por Robert Owen; os experimentos operários ensaiados no continente europeu foram, na verdade, os resultados práticos das teorias, não inventadas, mas proclamadas em alta voz, em 1848.

Ao mesmo tempo, a experiência do período de 1848 a 1864 demonstrou, acima de qualquer dúvida, que, por mais excelente em princípio e útil na prática, o trabalho cooperativo, se mantido nos limites estreitos dos esforços casuais dos operários privados, jamais conseguirá deter o crescimento em progressão geométrica do monopólio, tampouco aliviar minimamente o fardo de suas misérias. É talvez por essa razão que nobres bem-falantes, tagarelas filantrópicos de classe média e mesmo perspicazes economistas políticos passaram de repente, e de maneira repugnantemente elogiosa, a valorizar o mesmo sistema de trabalho cooperativo que, em vão, haviam tentado descartar, desprezando-o como uma utopia de sonhadores ou estigmatizando-o como um sacrilégio de socialistas. Para salvar as massas industriais, o trabalho cooperativo deveria ser desenvolvido em dimensões nacionais e, conseqüentemente, ser promovido por meios nacionais. No entanto, os senhores da terra e os senhores do capital sempre usarão seus privilégios políticos para a defesa e a perpetuação de seus monopólios econômicos. Em vez de promover, eles continuarão a colocar todo tipo de impedimentos no caminho da emancipação do trabalho. Lembremo-nos do sarcasmo com que, na última sessão, lorde Palmerston golpeou os apologistas da Lei dos Direitos dos Rendeiros Irlandeses [*Irish Tenants' Right Bill*]. A Câmara dos Comuns, exclamou ele, é uma câmara dos proprietários fundiários.

Conquistar o poder político tornou-se, portanto, o grande dever das classes trabalhadoras. Elas parecem ter compreendido isso, pois na Inglaterra, na Alemanha, na Itália e na França ocorreram simultâneos restabelecimentos, e esforços concomitantes estão sendo atualmente realizados para a organização política do partido operário.

Um elemento de sucesso elas possuem: o número de seus membros. Mas essa quantidade só pesa na balança se esses membros são unidos por uma articulação comum e guiados pelo conhecimento. A experiência passada mostrou como a desconsideração desse elo de fraternidade, que deve existir entre os trabalhadores de diferentes países para que estes se mantenham firmes, apoiando-se mutuamente

em todas as suas lutas emancipatórias, será castigada com a derrota de seus esforços desconexos. Foi com esse pensamento que trabalhadores de diferentes países, reunidos em 28 de setembro de 1864 numa reunião pública no St. Martins's Hall, resolveram fundar a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Outra convicção motivou aquela reunião.

Se a emancipação das classes trabalhadoras requer sua confluência fraternal, como eles poderão cumprir essa grande missão com uma política externa pautada por desígnios criminosos, exercida com base em preconceitos nacionais e que desperdiça o sangue e as riquezas do povo em guerras de pirataria? Não foi a sabedoria das classes dominantes, mas sim a resistência heroica que as classes trabalhadoras da Inglaterra impuseram à sua loucura criminosa o que salvou o oeste da Europa de mergulhar numa infame cruzada pela perpetuação e propagação da escravidão do outro lado do Atlântico. A insolente aprovação, fingida simpatia ou idiótica indiferença com que as classes altas da Europa testemunharam a fortaleza montanhosa do Cáucaso tornando-se presa da Rússia, que também assassinou a heroica Polônia; as imensas invasões, sem resistência, promovidas por esse poder bárbaro, cuja cabeça está em São Petersburgo e cujas mãos encontram-se em cada governo da Europa, ensinaram às classes trabalhadoras o dever de dominarem elas mesmas os mistérios da política internacional, de vigiarem as ações diplomáticas de seus respectivos governos, de confrontá-los, se necessário, por todos os meios a seu dispor; não podendo preveni-los de articularem denúncias simultâneas e reivindicarem que as mesmas leis simples da moral e da justiça, que deveriam governar as relações entre indivíduos privados, valham como as regras supremas do intercuro das nações.

A luta por tal política externa faz parte da luta geral pela emancipação das classes trabalhadoras.

Proletários de todos os países, uni-vos!